

MUDANÇA DE HORIZONTE

O SOL NOVO A CADA DIA,
NADA DE NOVO SOB O SOL, MAS...

Coleção **FILOSOFIA E COMUNICAÇÃO**

Coordenação: Ciro Marcondes Filho

- *Corpo cinemático (O)*, Steven Shaviro
- *Mudança de horizonte: o sol novo a cada dia, nada de novo sob o sol, mas...*, Dietmar Kamper

DIETMAR KAMPER

Mudança de horizonte

**o sol novo a cada dia,
nada de novo sob o sol, mas...**



Título original: *Horizontwechsel: Die Sonne neu jeden Tag, nichts Neues unter der Sonne, aber...*
© 2001 – Wilhelm Fink Verlag, München
ISBN 3-7705-3563-4

Tradução: *Danielle Naves de Oliveira*

Revisão técnica: *Ciro Marcondes Filho*

Direção editorial: *Claudiano Avelino dos Santos*

Coordenação de revisão: *Tiago José Risi Leme*

Diagramação: *Dirlene França Nobre da Silva*

Revisão: *Jennifer Souza Almeida*

Iranildo Bezerra Lopes

Caio Pereira

Capa: *Anderson Daniel de Oliveira*

Impressão e acabamento: PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Kamper, Dietmar, 1936-2001.

Mudança de horizonte: o sol novo a cada dia, nada de novo sob o sol, mas – / Dietmar Kamper; [tradução Danielle Naves de Oliveira]. – São Paulo: Paulus, 2016. – Coleção Filosofia e comunicação.

Título original: *Horizontwechsel: Die Sonne neu jeden Tag, nichts Neues unter der Sonne, aber...*

ISBN 978-85-349-4308-6

1. Antropologia filosófica I. Título. II. Série.

16-01718

CDD-128

Índices para catálogo sistemático:

1. Antropologia filosófica 128

1ª edição, 2016

© PAULUS – 2016

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 – São Paulo (Brasil)

Tel.: (11) 5087-3700 • Fax: (11) 5579-3627

paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-85-349-4308-6

DIETMAR KAMPER E A SOCIOLOGIA DO CORPO VIVO

Foi em abril de 2001, abertura do milênio, poucos meses antes dos ataques às torres gêmeas: Dietmar Kamper estava diante do grande TUCA (Teatro da Universidade Católica de São Paulo) lotado e ao seu lado, Haroldo de Campos. Havia um clima de reverência e celebração, mas sobretudo uma expectativa de notável e rara degustação de pratos, ao mesmo tempo delicados e fartos. Ambos os mestres com amplos sorrisos, anunciando que não se tratava de um embate, mas de um grandioso banquete. Não pairava no ar nenhuma despedida, embora todos soubéssemos que havia, sim, algo do canto do cisne, para os dois, que sabiam haver conquistado a alta honraria da finitude. Os temas da noite eram a antropofagia e a teofagia. E Hans Staden era uma das portas de entrada ao tema, pois Kamper e sua companheira, Birke Mersmann, também integrando a mesa, haviam trabalhado e vivido em Marburg, no estado de Hessen, próxima da cidade natal do autor da notável *A verdadeira história dos selvagens, nus e ferozes devoradores de homens, encontrados no novo mundo, a América, e desconhecidos antes e depois do nascimento de Cristo na terra de Hessen, até os últimos dois anos passados, quando o próprio Hans Staden de Homberg, em Hessen, os conheceu, e agora os traz ao conhecimento do público por meio da impressão deste livro*, publicada justamente em Marburg, em 1557, com retumbante sucesso editorial para seu tempo. A grande polêmica da época de Staden, pesquisada e apresentada ali por Kamper e Mersmann, demonstrava que o

grande embate entre católicos e reformadores era em torno da comunhão, uns a viam como corpo de Cristo e outros a viam como símbolo do corpo de Cristo, uns como verdadeira comunhão e incorporação, outros como abstrata mediação simbólica. Haroldo, por seu lado, desdobrou em mil folhas a poética da devoração oswaldiana em uma filosofia da transmutação do metabolismo cultural, uma genealogia do espírito rebelde e criativo do século XX.

Poucos meses depois, logo após o ataque às torres gêmeas, falei com Dietmar Kamper ao telefone, comentando o grande golpe das imagens contra uma sociedade das imagens cada vez mais grandiosas e onipresentes. Ainda assustado com a dimensão e a repercussão gigantesca do episódio, ele acrescentou, já muito ofegante, que, por outro lado, são eles também, os americanos, “Kinder Gottes”, filhos de Deus. Foram as últimas palavras que escutei do mestre. Menos de um mês depois, em 28 de outubro, ele pronuncia, diante de Birke Mersmann, sua última palavra: “wunderbar!”, maravilhoso!

De 1992 a 2001 Kamper estivera inúmeras vezes no Brasil, e São Paulo era seu campo de observação antropológica. Da imagem e do corpo, em sua relação conflituosa. Escreveu vários textos para São Paulo e a partir de São Paulo. Sempre textos muito densos de imagens e crepúsculos conceituais (aqueles que nos exigem ver além da luz e da razão). Deu inúmeros cursos, palestras, conversas, seminários, participou de simpósios e encontros. Para auditórios inteiros e para meia dúzia de alunos e pesquisadores. Trazia consigo sempre um pouco mais de tempo, do tempo lento da observação, o tempo da escuta e o tempo da espera, o tempo generoso de quem digere iguarias exóticas ou lautas refeições. Ao fim de uma estadia, já deixava combinada a próxima, no ano seguinte. E trazia sempre novos temas, novas pautas de diálogo e discussão. Sempre chegava

radiante nos voos da madrugada, às vezes confessava que não sabia o sentido de estar aqui de novo (para logo em seguida dizer: Mas o sentido só se sabe depois!), às vezes apenas curtia a cerração e a saturada umidade paulistana das madrugadas em épocas de chuva, “o ar da Champagne!”. Na última vez chegou ainda mais radiante, com o nascimento de sua primeira neta, e contou que havia feito uma aposta consigo mesmo, de que a vida é bela. E prosseguiu: “quando estou na Europa, tenho a sensação de que vou perder a aposta”. E “apenas chego ao Brasil e me vem a certeza de que vou ganhá-la!”.

Após a primeira visita, dei-lhe de presente um livro em português: *Do Pau-Brasil à antropofagia e às utopias*, de Oswald de Andrade. Na segunda visita, ele já citava Andrade e seu Manifesto Antropófago, recém-publicado na Alemanha pela revista *Lettre*. E aqui já estava ele de novo, para devorar o que lhe encantava, não para civilizar ou iluminar, nem para ensinar. Para observar com os olhos que enxergavam os subterrâneos escuros das imagens da megalópole.

Sua obra é vasta e aparentemente diversa, mas a diversidade dos objetos não nos deve iludir, seu olhar agudo e profundo mantém uma irrefutável coerência ao tensionar os mais diferentes objetos. Os livros originados em simpósios e ciclos de conferências, organizados juntamente com Christoph Wulf, dão uma mostra da riqueza temática: *O Evanescer dos Sentidos*, *O Retorno do Corpo*, *O Tempo Moribundo*, *O riso, o sorriso e a gargalhada*, *Aparência do belo*, *O Sagrado*, *O destino do amor*, *Retrospectiva sobre o fim do mundo*, *Na sombra da Via Láctea*, *Teoria da fantasia*, livros trabalhados por muitas mãos, das mais hábeis do mundo para cada tema. Dietmar Kamper convidou, em seus seminários e simpósios, ninguém menos que Foucault, Lyotard, Baudrillard, Serres, Montagu, Leroi-Gourhan, Sloterdijk, Bodei, Morin, Girard, Virilio, Kittler, Perniola, Belting, Grivel,

Maffesoli, Eco, Irigaray, Poulain, Samsonow, Dorflès, Sonnemann, Zielinski, Mondzain, Mitchell e tantos outros.

Outros ciclos e livros foram organizados e editados sozinho ou com outros parceiros sobre: “Olhar e violência”, “Imagem e violência” (apresentado em São Paulo, no SESC), “O jogo”, “A Atlântida”, por exemplo, “O homem (im)perfeito”, “Mito Neanderthal”, “Obsessão e imaginação”, “Autocontrole”, “Sobre os desejos”, “Poder e impotência da fantasia”, *O trabalho como vida* (também em São Paulo, no SESC), *Quel corps?*.

Sua entrada nos temas e objetos, sua maneira surpreendente de tratá-los, seu olhar lancinante sobre aquilo que parecia inofensivo e inócuo, fizeram dele um pensador transversal onde quer que estivesse: em Colônia, na graduação em Educação Física, interessou-se pela Filosofia; em Munique, na Filosofia, doutorou-se sobre um autor pouco cultuado, Leopold Ziegler; em Marburg, na Pedagogia, buscava padrões multidisciplinares para tensionar as gavetas estanques do conhecimento e da educação; em Berlim, na Sociologia, lançou mão de autores estranhos aos cânones estritamente sociológicos e trabalhou inicialmente com Josef Taubes, um iconoclasta da Filosofia que havia convidado Derrida a Berlim, quando este ainda era uma absoluta anonimidade. Admiração e correspondência com Foucault e Cioran, paixão pelos românticos como Novalis e cooperação com Odo Marquard, Helmuth Plessner e Adolf Portmann, tudo isto e muito mais constituíam travessuras imperdoáveis no mundo acadêmico alemão (e não só lá), sobretudo se a escritura e a fala do professor e pesquisador se contaminavam de expressões e categorias saturadas de poesia, exigindo leituras sensíveis e abertas para o ambivalente, o difuso, o obscuro, o profundo, o metafórico, o sombrio. E foi com esse olhar de herege que ele se dedicou aos campos de reflexão que introduziu na pauta acadêmico-científica alemã:

teoria do corpo, teoria da fantasia, história da imaginação, crise da visibilidade, história da abstração, corpo e imagem, imagem e abstração, o virtual como variante da ausência e ainda muitos outros.

Não é de espantar que alguns de seus colegas se sentiram mortalmente incomodados pela postura e pela linguagem de Kamper e tivessem até mesmo promovido uma campanha difamatória por revistas e jornais. Acusavam-no de não explicar, não esclarecer, não simplificar os conceitos e os objetos que tratava. Sua resposta foi reafirmar sua recusa de redução da complexidade. Reduzir a complexidade significa capitular diante das estratégias de um mundo feito de imagens e ausências.

O presente livro é a tradução de sua última obra publicada em vida, no auge de seu vigor crítico e analítico. Merece menção especial e gratidão eterna o trabalho sensível, preciso e delicado de Danielle Naves ao traduzir a obra. Danielle realizou uma verdadeira transcrição da linda obra de Kamper. A tradutora preserva até mesmo a música das frases (e isto é fundamental em Kamper!), a beleza de certas imagens conceituais, a polissemia, o obscurecimento crepuscular e poético de cenas, frases e palavras. Deve-se igualmente destacar a ousadia do diretor da coleção, Ciro Marcondes Filho, também revisor técnico que enriquece a linda tradução anotada de Danielle Naves, por ter proposto a publicação no Brasil desta obra tão atual e inseminadora, tão desafiadora e surpreendente.

Por fim, quero alertar o leitor para as dificuldades de se aprender a ler Kamper, com “a cabeça estilhaçada, assim como os românticos sentiam com o coração partido”, nas palavras do próprio autor. Relato aqui, ao caro leitor, uma experiência que um colega professor relatou a partir da indicação de um breve texto kamperiano para jovens alunos de graduação.

Recomendou que lessem o texto, mas não uma única vez! Duas, três, quatro..., vinte vezes! Em voz baixa, em voz alta, aos amigos, aos familiares, sozinhos, gravando e ouvindo, diante do espelho, deitados, andando, sentados. Na sala, no quintal, no jardim, no banheiro. Pelo menos vinte vezes! Na semana seguinte chega uma aluna muito jovem e relata que leu o texto até a décima nona vez sem entender nenhuma palavra, até que de repente, ao lê-lo mais uma vez, ele se abre como por magia e ela começa a chorar.

Kamper nos ensina a ler/sentir o mundo com o corpo vivo, presente, pulsante! Não apenas com os olhos e com a cabeça, como manifestação próxima de uma distância. Ele nos convida para um embate ao vivo que também é um banquete, nos convida a retomar o corpo, a presença, o presente.

Norval Baitello Junior
CISC-PUC-SP

TERCEIRA ABERTURA

*Sou um fazedor de palavras:
Que importância dou às palavras?
Que importância dou a mim?*

Friedrich Nietzsche

Em grande parte, sem que o autor se desse conta, os textos deste livro, ao surgirem, foram apontando pontos de fuga, que, para além de todas as intenções, marcam um único *point of no return* (ponto de irreversibilidade). Assim, formaram-se direções fundamentais que se quebram a si mesmas. Os encadeamentos de metáforas tensionam-se entre metástases e quiasmas.¹ São letras, palavras, frases que não indicam saídas, sempre sob o perigo da pululação desordenada e de uma retrógrada incisão em forma de cruz. Não se trata mais de arbitrariedade, mas de uma escrita pela vida, puras correspondências, formadora de uma rede, esticada até arrebentar, uma rede das amizades.

Os textos, escritos a partir da primavera de 1999, agruparam-se praticamente sem que eu interferisse. Enquanto escrevia, estive todo o tempo a caminho de um ponto zero, que me acomete inclusive agora, no meio da jornada. A coisa veio me acontecendo desde os esforços de Karlsruhe, Colônia e Bonn (1. Abstrações do corpo); atropelou-me em São Paulo (2. Olhar e violência); queimou-me, no foco do pensamento hermético, como me ocorreu nas últimas semanas, até a medula (3. Nada de novo sob o sol, mas o sol novo a cada dia); emergiu na ensolarada Neandertal e em Dresden (4. A escala danificada da antropologia); foi como uma corda no pescoço durante a tentativa de iniciar uma crítica do *homo significans erectus* no corpo do próprio autor (5. Antinarciso).

Constantemente aparecem cortes transversais entre autobiografia e antropologia histórica, que expõem uma nova mistura de destino, acaso e perigo. Já não se trata da filosofia da identidade e tampouco do pensamento da diferença, mas uma reflexão elevada à terceira potência, na qual a esvaziada relação entre esfera pública e privada é reescrita em favor de uma singularidade, que é a verdadeira adversária da pluralidade, da maioria e da multiplicidade. Nisso, a velha visibilidade fica se torcendo. A questão se o ponto zero da história faz aqui o papel de pivô pode ser respondida com um sim, inclusive com o adendo: *ça dépend!* (depende).

Antinarciso marca perceptivelmente a transição da repetição à contratransferência psicanalítica. Não se trata de um novo tipo de socialização, mas do destino da metodologia do pensamento-corpo,ⁱⁱ que necessita de tempo para demonstrar suas capacidades. O que está em questão é a troca de horizonte de *encore* para *en corps* (de *novamente* para *corporalmente*), do mesmo modo como foi tematizada ao longo do afastamento histórico e social do corpo, na forma como se tornou o problema principal na concepção de uma estética da ausência, como foi posta como meta na abertura primeira de “Pesquisa de fantasmas e estenografia” e que, na segunda abertura, apareceu em cápsulas decompostas, “rastros”.

Na sequência da estética da ausência, que representou o afastamento do corpo como *fait accompli* (fato consumado) da civilização e ainda exigiu aquilo que era decisivo da força expressiva do corpo, a terceira abertura significa mostrar a própria desaparecimento. Desta vez, há uma prova irrefutável. Apenas aquilo que linguisticamente se autodevora pode ser declarado. Eis o até agora impensado arranque da metástase ao quiasma. O que resulta numa abertura para o anúncio da libertação. A mudança de horizonte acontece por si e não poupa quem a escreve.

Antes de pivotar e sair do eixo, o visado ponto zero da história custa, principalmente, a cabeça. Isso não é dialética, mas o desabrochar da rosa na cruz da realidade. Fim da exibição. Nem uma primeira, nem uma última vontade. Toda pessoa pode fazer mágica, a não ser que não queira e não seja viciada em imagem.

Quanto à forma do texto, não faço mais escolhas. São dissertações, exposições, teses, fantasias ricamente insinuantes e inconclusas, assim como desvios, que ainda seguem modelos logicamente compulsivos e tentam captar aquilo que está aberto em suas inter-relações. Mas há também encadeamentos de palavras – como em citações – que se desassocia e abrem espaços a pensamentos insólitos, no sentido mais literal do termo. Para quem suportar, aqui a barreira do indescritível torna-se inequivocamente clara. Mais do que nunca, chega-se à representação, à representabilidade tal como exposta há cem anos por Sigmund Freud ao tratar dos sonhos. O consciente tem um defeito: não consegue conter o assombro de ter se descoberto mortal. Ele disfarça o horizonte tanto pelo esquecimento quanto pela lembrança e é, sobretudo, incapaz de uma mudança. Com isso, se acrescenta mais uma discrepância à já existente entre percepção e consciência: a que há entre sonho e consciência, um sem-fundo (*Ab-Grund*) que só pode ser transposto pelo lado do sonho. Somente essa discrepância faz com que o pensamento-corpo se realize. Afinal, ela também permite que diferenças velhas e saturadas apareçam sob uma luz completamente nova.

Consciência – percepção – sonho:

Como indica o alinhamento de palavras, aqui não há um *continuum*, mas antes um encadeamento de fraturas a ser realizado, a partir de agora, sem dialética alguma.

O que isso significa, na totalidade, é imprevisível. Por ora, darei o esboço de três pontos.

Primeiro: mudança de horizonte

A mudança de paradigma proposta por Thomas Kuhn mantém-se na linha e sobre chão firme. Para saber como ela funciona, basta olhar aqui e acolá, da esquerda à direita, o antes e o depois. Essas mudanças da perspectiva, que por longo tempo mantiveram todo um mundo em aberto, conseguem abalar e colocar em questão o acima e o abaixo. Exigem uma cabeça tranquilamente assentada sobre os ombros e capaz de encontrar, a partir de irritações, nova estabilidade que possa sustentá-la. Mas a mudança de horizonte reivindica, por seu turno, que aqueles que a reconhecem adicionem a tudo isso um salto mortal, uma cambalhota metodológica, a fim de que possam alcançar o ponto de virada do interno para o externo, o trecho perigoso da fita de Moebius em seu processo autorreferencial. Aliás, esse salto mortal pode ser visto em imagens medievais de acrobatas e artistas de rua. Ele contribui para o anúncio de um gesto extremamente repreensível, que contradiz o Santo Espírito, o espírito da unidade, da certeza e da consolação.

Segundo: infinita falta de tempo

Tal é o termo com que Jacques Lacan fez alusão à falta de Ser. E já se opondo a Heidegger: “Existem Ser e Tempo”, frase cujo esclarecimento deveria vir no segundo volume, caso este tivesse sido escrito.ⁱⁱⁱ Mas não existe, nem o segundo volume, nem ser, nem tempo. Não existe. Nada se dá. No fundo, não há nenhum alcance quádruplo.^{iv} O que há é uma forma radical da falta de respostas do mundo. Contudo, essa disposição indisponibilidade tem como consequência uma situação tão flagrante que não conseguimos tomá-la como verdadeira e muito menos continuar falando em termos de tempo real e presente. O significado de “presente impossível” é, portanto, expressão de um balanço que, conforme a coerção da

existência, fracassou completamente. Os humanos são um ponto vazio no universo. Eles estão ausentes não apenas parcial, mas totalmente. E nenhuma vontade ou consciência pode mudar algo. De uma forma honesta, a antropologia histórica mantém livres os espaços para o pensamento. Talvez o pensamento-corpo possa ajudar. Rastrear. Ouvir. Sentir. Ver. O horizonte, não mais como moldura, mas borda que desaparece, é, por fim, um silêncio gritante.

Terceiro: saber-se existente

Já foi assim: sou, mas não me tenho. Logo, só nos tornamos. Ou: ser um corpo vivo (*Leib*) versus ter um corpo morto (*Körper*).^v Ou: penso, logo não sou. Sou, logo não penso. Ou: nunca estou onde você me vê; onde estou, você não me vê etc. Bataille, a partir de tais trivialidades antropológicas, concluiu que o não saber é o que há de supremo e melhor. Mas isso só se alcança vez ou outra. É preciso manifestamente entrar em forma. É preciso fazer como Sven Lindqvist, que por estranhas desventuras chega ao seu melhor conhecimento: o conhecimento da existência, que é o avesso da ignorância da inexistência. Já faz algum tempo que é necessário perceber e sonhar simultaneamente o verso e o reverso. Estar-aí (*Dasein*) e estar-ausente (*Wegsein*)^{vi} são uma coisa só, sob a extrema condição de possibilidade do ser humano. A “viagem ao extremo do possível do ser humano” (Bataille) tornou-se inevitável. Sem mais ingenuidade alguma, tampouco estereótipo da inocência. *Sorry*.

O que hoje é necessário ao escrever é veneno e bÍlis, também brandura. Esse poderia ser o nome do método de uma crítica à antropologia histórica, cujo objeto, por sua vez, chamar-se-ia: bÍlis venenosa e dom. Dom é um fato social, bÍlis um fato antropológico. Ela designa a ira da descoberta do quanto se está ferido e exposto, antes mesmo que se possa começar a

pensar. *Chole* é a palavra grega para bÍlis, fel, amarelo e ira, presente, por exemplo, em colérico e cólera. Diz-se da ira que não é bom pressuposto para um conhecimento claro. O colérico é tido normalmente como inapto à tarefa pacÍfica da ciência disciplinar e ao necessário entendimento da informação equilibrada. No entanto, desde que existe o fenômeno da ciência comprada e corrupta, ou seja, desde que para cada problema pertinente são encontrados especialistas e contraespecialistas, o melhor mesmo é ficar irado. Mais complicado, portanto, é o problema de uma ameaçadora autoneutralizaçãO.

Quem entra em contato com a antropologia histÓrica acaba por desistir no momento em que se depara, no diálo-go, com a frase: “VocÊ não consegue suportar isso na cabeça”. Tanta acumulaçãO do que é inútil. Tantos movimentos de reforma fracassados. Tantas lutas vãs por uma vida correta, “natural”. É preciso ser radical, ao menos radical na idade,^{vii} para poder discernir e selecionar através dos séculos a confusãO criada, a gigantesca montanha de entulhos de argumentos. É verdade que, sem radicalidade, a identificaçãO com o agressor é inevitável. É, entãO, que a pessoa se instala nalgum frente e deixa-se acomodar, inclusive teoricamente. Não é de suspeitar que, assim, alguns desistam da posiçãO conquistada com tanta luta ou que outros ainda continuem atraÍdos pelo posto já perdido.

É preciso, portanto, estudar, aprender e querer conhecer algo com exatidãO. Não se pode permitir ser consumido pelos pensamentos da moda, que nada mais sãO do que uma vasilha de esmoladas, transbordante de enganos e desenganos histÓricos. Sobretudo, não se pode renegar, reprimir e rejeitar a zona do silêncio e das verdades silenciadas, a partir da qual ocasionalmente emerge uma injustiça gritante. O inconsciente é um *factum brutum* da histÓria, mais precisamente da histÓria à qual outrora ele se dirigiu em busca de mais humanidade. Somente

a ira, ao concluir que não há mais nada a ser feito, pode se tornar produtiva sem cegar. Contra a estupidez autoimposta, ajuda somente uma crítica não disciplinante ao poder disciplinar, tal como a que está associada desde o início à antropologia histórica. Neste ponto, pode-se e deve-se seguir Michel Foucault.

Já se disse que o paradigma, a perspectiva e o horizonte do anjo da história não são os mesmos que os nossos, e que, não sem motivos, Benjamin distingue com exatidão duas coisas que nos aparecem como uma única catástrofe: a cadeia de acontecimentos e o que anjo vê.^{viii} Porém, justamente nisso estaria a urgente mudança de horizonte, indo da crença idiota no progresso da humanidade para a percepção do monstro que sitia a cadeia da liberdade humana, um monstro que é tanto autogerado quanto gerado pela razão. Pois só a partir daí podem surgir os desdobramentos inconvenientes: primeiro, visualizar a catástrofe como um horror perfeito; segundo, suportar o pavor da própria história de crimes; terceiro, desfazer-se das asas, pois nunca houve sentido em tornar-se anjo quando não se quer também virar diabo; quarto, confiar nas próprias costas, pois elas servem como arquivo da evolução e da história; quinto, desligar-se da tormenta do paraíso, afinal não perdemos o paraíso, mas, por bons motivos e força do futuro imediato, saímos de lá fugidos.

Como fica essa história sagrada, mesmo que receba aqui apenas um parco esboço? Um foco das próprias idiossincrasias; uma vasilha de esmolos de metáforas devoradas; uma mistura peculiar de como meu corpo atua no teatro do insuportável. A insistência do renegado, o retorno do recalcado, a epifania do rejeitado têm também como consequência, verbal e textualmente, repetições que, ao fim, custam a própria cabeça. Uma das suspeitas aponta para as seguintes questões: por que eu? Por que agora? Por que assim? e mostra que eu,

com minha escrita, revelei um segredo cujas consequências são mortais e que, pelo fato de ter negado o esquecimento, ameaçaria habilidosamente a morte como fatalidade. A partir de então, o jogo troca seu *status* de indignidade pelo de seriedade mortal. Ajudem-me, amigos!

Certamente ao modo dos santos...^{ix}

Uma confissão com consequências fatais? J. P.S. Uberoi disse, há anos, em Berlim, que a pena para a revelação de conhecimento secreto é o puro esquecimento, esquecimento do esquecimento. Então, por que ainda a morte? Nunca mais saber o que se soube, o que para sempre se aprendeu enquanto neófito da vida é algo que já soa suficientemente mal.

Uma conferência de Friedrich Kittler, em Neandertal, teve o seguinte tema: não foi o último, mas sim o primeiro homem quem matou seu deus. Prometi-lhe uma cópia das impactantes passagens em que Hölderlin escreve sobre a traição de Deus em relação aos homens. Eis o ponto mais secreto da amizade que, sob o mote “Reino de Deus”, se reacendeu em torno do ano de 1800.

Em sua carta de Oetzberg, Rudolf Heinz chama esse problema de “o suicídio de Deus em nós”, que só conseguimos abandonar pelo espanto ou pelo riso. Que o absoluto morra, tal fato é ou uma catástrofe da história mundial ou uma piada – ou ambos. O conhecimento absoluto hegeliano é, por ora, um não saber que ainda não conhece a si mesmo.

Isso acontece primeiramente com Georges Bataille e seu deboche da morte, pois ela é um deus, o mais poderoso. Como eu poderia saber que a *colline éternelle*, de Vézelay, seria o palco extraordinário de um suicídio?^x E que apenas ali foi possível o anúncio de um noivado para toda a vida? E cujo testemunho aconteceu em longa solidão? E que, com isso, a história da culpa chegou ao fim?

O que ainda não está claro são as direções que se seguem à descida da cruz.^{xi} Califórnia ou Brasil? E a partir de onde? *Finis terrae* na França e no norte da Espanha?^{xii} Ou mesmo diretamente a partir de Granada, evidenciada por Otzberg, pelo menos até aquele sofá em Lengfeld, no qual se sentavam Karoline Günderrode e Clemens Brentano em vão.^{xiii}

Cada gargalhada é a libertação de uma imagem, escreve Jacques Lacan. Isso antecipa a lógica compulsiva do imaginário e explica a impossibilidade de haver uma imagem para o fim das imagens. A aposta com Jan Fabre terá um resultado parecido. Contudo, estamos ainda em desacordo e ficamos até alta noite discutindo.

O que parece ser o ponto de reversão da alienação, ou o retorno da enantiodromia,^{xiv} é tão somente a duplicação do quiasma no caminho das metáforas. As dores da abstração são inevitáveis. Porém, o fato de que Deus e os deuses sejam imortais e de repente morram, isso é demais. Exatamente aí acontece o levante dos homens que querem viver, claro, ao modo dos santos.

A rede das amizades estende-se no esplendor terrestre como um firmamento, com nós e tensões de horizonte a horizonte.

Otzberg, 5 de outubro de 2000.

Pensado, conversado, escutado e escrito em companhia de:

Contemporâneos de hoje

Jean-Christophe Ammann, Hans-Dieter Bahr, Norval Baitello Jr., Carlo Barck, Jean Baudrillard, Hans Belting, Ulysses Belz, Hartmut Böhme, Norbert Bolz, Christina von Braun, Silvia Breiwieser, Bazon Brock, Hans Peter Dreitzel, Hajo Eickhoff, Eva e Adele, Jan Fabre, Tom Fecht, Ute Frietsch, Susanne Froböse, Gunter Gebauer, Paul Good, Rudolf Heinz, Udo Hock, Christian Holtorf, Urs Jaeggi, Thomas Jung, Wolfgang Kaempfer, Bernd Kauffmann, Alexander Kluge, Matthias Kroß, Peter Lilienthal, Franz Littmann, Thomas Macho, Gert Mattenklott, Odo Marquard, Anthony Moore, Edgar Morin, Jean-Luc Nancy, Hans Ulrich Reck, Otto E. Rössler, Elisabeth von Samsonow, Valerij Savchuk, Michel Serres, Peter Sloterdijk, Bernd Ternes, Georg Christoph Tholen, Gerburg Treusch-Dieter, Heinz Treziak, J. P.S. Uberoi, Paul Virilio, Peter Warsitz, Hans Peter Weber, Peter Weibel, Gert Weniger, Stefanie Wenner, Christoph Wulf, Siegfried Zielinski, Raimar Zons,

e

contemporâneos de ontem

Theodor W. Adorno, Günther Anders, Antonin Artaud, Ingeborg Bachmann, Georges Bataille, Walter Benjamin, Ernst Bloch, Jorge Luis Borges, Clemens Brentano, Georg Büchner, Paul Celan, Vilém Flusser, Michel Foucault, Sigmund Freud, Karoline von Günderrode, Georg Wilhelm Friedrich Hegel, Martin Heidegger, E. T. A. Hoffmann, Friedrich Hölderlin, Max Horkheimer, Franz Kafka, Immanuel Kant, Heinrich von Kleist, Jacques Lacan, Jean-François Lyotard, Karl Marx, Maurice Merleau-Ponty, Michel de Montaigne, Robert Musil, Friedrich Nietzsche, Blaise Pascal, Helmuth Plessner, Rainer Maria Rilke, Ulrich Sonnemann, Baruch de Spinoza, Jonathan Swift, Paul Valéry, Viktor von Weizsäcker,

(e continua)

e a companhia do espaço.